

IMAGENS HUMANAS COMO IMAGENS DO HOMEM: FIGURAÇÕES ESTÉTICAS

Human Images as Images of the human: Aesthetics Figurations

Imágenes humanas como imágenes del hombre: figuraciones estéticas

Christoph Wulf

Professor de Antropologia e Filosofia da Educação e membro do Centro Interdisciplinar de Antropologia Histórica na Universidade Livre de Berlim (Freie Universität Berlin). É, também, vice-presidente da UNESCO na Alemanha.

E-mail: chrwulf@zedat.fu-berlin.de

Danielle Naves (tradução)

Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/USP (2007), tendo estudado jornalismo e filosofia. Dedica-se à pesquisa em teoria e filosofia da comunicação, processo civilizatório e comunicação, com ênfase em autores alemães contemporâneos.

E-mail: dani.schrder@gmail.com

Resumo

O artigo analisa o processo de imaginação e pensamento humanos que conduz a imagens humanas. Em todas as culturas e tempos históricos o ser humano gera imagens de si. Eles precisam de tais imagens para se investigarem e se compreenderem. Na concentração em um único momento e na evidência ali sugerida, encontra-se a peculiaridade de uma imagem, mas também o limite da representação icônica. Assim, imagens humanas sempre são simplificações que, justamente devido a seu caráter simplificador, são altamente eficazes. Nelas, conectam-se desejos, normas e valores. Instituições sociais e culturais como religiões, utopias e visões de mundo utilizam-nas para representar suas concepções de ser humano e ancorá-las no imaginário e nas ações do homem.

Palavras-chave: Antropologia. Imagens Humanas. Imaginário. Imaginação. Virada icônica.

Abstract

The following paper seeks to analyze the process of human imagination and human thought that lead to human images. In all cultures and throughout history, humans have been producing images of himself. They need such images to investigate and comprehend themselves. On focusing on a very moment lies the peculiarity of an image, but also the limits of iconic representation. Therefore, human images are always simplifications highly efficient. Values, standards and desires are all connected in it. Social and cultural institutions as religions, utopias and world visions use then to represent its conceptions of human beings and to anchor then in the imaginary and in the actions of mankind.

Keywords: Anthropology. Human Images. Imaginary. Imagination. Iconic Turn.

Resumen

El artículo analiza el proceso del pensamiento humano y la imaginación que lleva a imágenes humanas. En todas las culturas y épocas históricas, el ser humano genera imágenes de si mismo. Ellos necesitan este tipo de imágenes para investigar y entender. En la concentración en un solo momento y en las evidencias sugeridas está la peculiaridad de una imagen, sino también el límite de la representación icónica. De este modo, las imágenes humanas son siempre simplificaciones que, precisamente a causa de su naturaleza simplificadora, son muy eficaces. En ellos son deseos conectados, normas y valores. Las instituciones sociales y culturales, como las religiones, las utopías y visiones del mundo los utilizan para representar a sus concepciones del ser humano y anclarlos en la imaginación y las acciones del hombre.

Palabras-clave: Antropología. Imágenes humanas. Imaginario. Imaginación. Vuelta icónica.

* Título original: "Menschenbilder als Bilder des Menschen. Ästhetische Figuratione". Tradução Danielle Naves de Oliveira, junho de 2015.

❖ Artigo submetido em 07/06/2015 e aprovado para publicação em 30/06/2015

Imagens humanas: transformar o invisível em visível

Imagens humanas como imagens do homem: o que significa esse título? É um título que descreve um processo de imaginação e de pensamento que conduz a imagens humanas e assume nas artes um lugar importante. Em todas as culturas e épocas históricas, os homens produzem imagens de si. Eles precisam de tais figurações estéticas para se investigarem e se compreenderem. Imagens humanas são construções do homem a respeito de si. Elas surgem para tornar visíveis tanto representações do humano quanto seus aspectos específicos. Tais representações em imagem são simplificações da variedade e da complexidade humanas. Nelas – tal como mostra a discussão sobre a representação em Laocoonte –, um “momento fértil” é representado. Em tais “momentos férteis” iconicamente aprisionados, os desenvolvimentos históricos e as variantes de significado não chegam à representação. Na concentração em um único momento e na evidência ali sugerida, encontra-se a peculiaridade de uma imagem, mas também o limite da representação estético-icônica. Assim, imagens humanas sempre são simplificações que, justamente devido a seu caráter simplificador, são altamente eficazes. As estruturas de poder de uma sociedade fazem parte da construção das imagens humanas. Imagens humanas são resultado de diferentes processos de inclusão e exclusão. Nelas, conectam-se desejos, normas e valores. Imagens humanas almejam a normatividade dos homens. Instituições sociais e culturais como religiões, utopias e visões de mundo utilizam as imagens humanas para representar suas concepções de ser humano e ancorá-las no imaginário e nas ações do homem. Uma parte dessas imagens diz respeito a figurações estéticas de uma vida humana bem realizada e de felicidade.

Tais imagens humanas estão claramente expressas, por exemplo, nas esculturas da antiguidade grega, em seu ideal do Bom e do Belo, na *kalokagathia*, união da beleza corporal com a qualidade espiritual. Também na cristandade medieval surgem imagens humanas nas quais se representa o homem piedoso. Isso se vê nitidamente na *Biblia Pauperum*¹ da Igreja medieval. Nelas, encontramos representações de

devotos discriminadas por níveis, como monges, nobres e camponeses, nas quais também se espelham as estruturas hierárquicas da sociedade. O nacional-socialismo, no século 19 e na primeira metade do século 20, produziu grande número de imagens idealizadas, por exemplo, dos “alemães” e dos “franceses”, que serviram de modelo de educação e de uma vida gloriosa. Igualmente o socialismo da União Soviética tentou vincular uma imagem específica de humano no imaginário da geração jovem. Hoje, do mesmo modo, a União Europeia esforça-se para conceber a imagem de um cidadão democrático e autônomo como modelo de desenvolvimento humano e de formação na Europa.

A imagem humana da sustentabilidade

Em 2015, após o fim do período de implantação das metas estipuladas para o milênio e após a redução da pobreza e do analfabetismo em muitos cantos do planeta, a comunidade internacional se esforça agora intensivamente para desenvolver metas de sustentabilidade (vide Cúpula Mundial, prevista para o segundo semestre de 2015). Nesse processo, juntamente com as inquirições filosóficas e antropológicas sobre sustentabilidade, há também questões éticas sobre o desenvolvimento e a viabilidade das metas de sustentabilidade, sobre a precisão dos conceitos e a consistência da argumentação, assim como dos procedimentos metódicos e argumentativos. O desenvolvimento é sustentável quando “assegura a qualidade de vida das gerações atuais e, simultaneamente, garante às futuras gerações a possibilidade de escolher e produzir sua forma de vida” (DUK, 2014). As metas de sustentabilidade resultantes de tal definição encontram-se em oportuna relação com uma cultura da paz e dos direitos humanos, da diversidade cultural e da participação democrática e do estado de direito. Para a transformação da economia e da sociedade, é necessária uma cultura de desenvolvimento sustentável. E tal desenvolvimento necessita de

geralmente em linguagem vernácula, popular no fim da Idade Média na Alemanha, França e Países Baixos. O termo “dos pobres” refere-se mais à pobreza de espírito do que à material. [N.T.]

¹ *Biblia Pauperum* ou *Biblia dos pobres* é uma compilação comentada de imagens bíblicas,

modelos, representações, normas e formas de conhecimento alinhados com o futuro. Tais elementos devem ser complementados pela construção de valores de sustentabilidade e por seus respectivos modos de vida e atitudes. Nesse contexto, a educação para ao desenvolvimento sustentável tem um importante papel. Sem ela, a iniciação a ações auto responsáveis não é possível. A comunidade internacional está em busca de uma imagem de humano que possa reunir em si representantes de todas as sociedades e culturas e que, enquanto modelo, possa expandir as diferenças culturais. – Ainda não se sabe se tal imagem de humano é possível e se a diversidade cultural entre as partes do mundo não irá destruir essa mesma imagem. Também é justificável duvidar se e em que medida tais imagens servem para nivelar diferenças culturais entre regiões geográficas sem que, antes disso, elaborem a tensões ali existentes.

Surgimento e poder das imagens humanas

Por que imagens humanas são tão eficazes? Por que têm tamanha influência sobre as pessoas? Três motivos me parecem especialmente importantes:

1) Enquanto o comportamento de primatas não-humanos é em grande parte regulado por instintos, no caso dos humanos, devido ao “nascimento prematuro” e à “primeira infância extra-uterina”, não acontece o mesmo. A criança humana é marcada pela grande plasticidade de seu corpo e de seus sentidos. Sua relação com o mundo não é determinada por instintos; ela é cosmopolita e apta ao aprendizado. Crianças são ávidas e aptas ao aprendizado. São feitas para aprender culturalmente. Com o auxílio de processos miméticos, ou seja, processos de imitação criativa, acontece o aprendizado cultural (Gebauer e Wulf, 1998a, 1998b). Ali, as imagens têm um papel central; entre elas, estão imagens de outros humanos, imagens da vida vivida e, gradualmente, imagens humanas que surgem em processos sintéticos. Imagens humanas concedem orientação e sentido. Elas

são compartilhadas com outras pessoas e geram sentimentos de pertença e de afinidade. Aqui, a sustentabilidade mostra seu efeito. Imagens não são simplesmente adotadas, mas vividas e internalizadas juntamente com outras pessoas e seus significados. Elas surgem nos jogos de ação e de linguagem. Diferentemente dos instintos dos animais, elas são determinadas histórica e culturalmente e podem ser transformadas.

2) Imagens humanas têm efeitos profundos, pois surgem em parte na infância e asseguram o pertencimento a uma comunidade. Elas garantem o mundo das representações e se tornam parte do imaginário. Têm influência sobre a percepção do mundo, da cultura, de outras pessoas e também sobre a percepção de si mesmo. Imagens humanas se tornam parte dos humanos, de sua força imaginativa e influenciam as emoções. Através dos ritmos e ritos da vida, elas são repetidas e reforçadas. Como plantas com raízes prolongadas, as imagens humanas particulares e universais se instalam no imaginário e surtem efeito a partir do vínculo com imagens e representações já disponíveis.

3) Enquanto imagens do imaginário, as imagens humanas se tornam parte do corpo. São inerentes a ele e, por isso, dificilmente podem ser mudadas. Frequentemente, consistem não somente em imagens isoladas, mas em sequências de imagens, mesmo em redes nas quais imagens heterogêneas, ou até mesmo algumas paradoxais, são capturadas. Com isso, as imagens já disponíveis são repetidamente confirmadas e têm sua validade reforçada.

O mundo se torna imagem

Uma característica da Modernidade é que o mundo está colocado diante das pessoas e é percebido como objeto e imagem. Na antiguidade, homens, animais e ambiente eram parte da natureza vivida, da auto responsáveis. Por

princípio, eles eram todos semelhantes entre si e animados pela força, a auto responsáveis da natureza, a auto responsáveis. Na Idade Média, essa relação do homem com o mundo é mantida. Animais, humanos e mundo foram concebidos por Deus e têm em comum seu caráter de criatura. Na Modernidade, muda a relação do homem (ocidental) com o mundo, com os outros humanos e consigo mesmo. A natureza não é mais uma vivência inspirada [beseelt]. Ela se torna objeto, algo que se põe-diante-de. Os homens não são mais parte da natureza, tampouco parte do mundo concebido por Deus, mas se localizam diante dele; o mundo é por eles mesurado e apreendido “objetivamente”. Nesse processo, o mundo se torna imagem. Com o desenvolvimento das novas mídias, tal tendência aumenta. Não é só o mundo e as outras pessoas que se tornam imagens, mas nós mesmos passamos cada vez mais a nos perceber sob o modo da imagem. A forte expansão da fotografia digital no cotidiano é prova disso. Com o auxílio de fotos eletrônicas ou filmes, são transformados em imagem todos os acontecimentos importantes e, por fim, nós mesmos. (Wulf, 2013a, 2013b, 2014).

As imagens humanas mostram quão central é o papel das imagens, da imaginação e do imaginário na constituição dos humanos e sua formação. Elas também evidenciam com que intensidade seu caráter histórico e cultural as determina e o quão importante é sua pesquisa no contexto da antropologia e da antropologia pedagógica. Imagens humanas são imagens que o homem projeta de si mesmo e cujo significado (para sua percepção de mundo, suas lembranças e suas projeções de futuro) vale a pena ser compreendido. Elas são concebidas através de práticas sociais e culturais da vida cotidiana e também das artes. Imagens humanas se tornam parte do imaginário coletivo, individual, social e cultural e, com isso, atuam na formação das ações humanas. A criação de imagens é um sinal distintivo comum a todos nós, humanos, cujo modelo formal, no entanto, varia muito de acordo com a história e com as diferentes culturas. Pelo fato de as imagens e o imaginário tornarem visíveis coisas que sem eles permaneceriam invisíveis, sua pesquisa representa um campo importante na antropologia pedagógica. Aquilo que descrevemos como “imagem” é algo tão variado que exige um amplo espectro conceitual e uma sequência de precisões. Num dos casos, referimo-nos ao resultado de processos de

percepção visual. Sob a influência das neurociências e de suas estratégias de imageria, os resultados da percepção de outras zonas sensoriais são inclusive frequentemente descritos como “imagens”. Deste modo, falamos de imagens mentais ou “internas”, que de algum modo presentificam algo ausente. Entre elas estão, por exemplo, as imagens da memória, que se diferenciam das imagens perceptivas² por sua falta de nitidez. Algo semelhante ocorre nas imagens que projetam situações futuras, nos sonhos, nas alucinações ou visões. Também muitos produtos estéticos têm a forma de imagens. São produtos de um processo dirigido à produção de alguma imagem. Por fim, como metáforas, são também um elemento constitutivo da linguagem. Imagens conseguem reconhecer imagens enquanto imagens; lidar fantasiadamente com imagens é uma faculdade universal do ser humano. Contudo, de acordo com cada período histórico e cada cultura, ela [a faculdade da fantasia] se manifesta de modos diferentes. Pois as imagens que vemos, e como as vemos, é algo determinado por complexos processos históricos e culturais. A maneira como percebemos imagens e como lidamos com elas é influenciada por nossa particularidade biográfica e por nossa subjetividade.

Como toda imagem, as imagens humanas são resultado de processos energéticos. Elas metamorfoseiam o mundo dos objetos, das ações e dos outros humanos. Com o auxílio da imaginação, elas se informam e se tornam parte do imaginário coletivo e individual. Muitos desses processos são miméticos e conduzem a uma assemelhação [*Anähnlichkeit*] com outras pessoas, ambientes, representações e imagens. Nos processos miméticos, o mundo externo se transforma em “interno”, ou seja, num mundo feito de imagens (Gebauer e Wulf, 1998a, 1998b). Esse mundo de imagens imaginárias atua na formação do mundo externo. Por serem performativas, tais imagens colaboram para a emergência de ações, assim como da encenação e da exposição de nossa relação com outras pessoas e com o mundo que nos circunda. O imaginário é o lugar das imagens e, enquanto tal, alvo dos processos de imaginação que produzem imagens. Ao mesmo tempo, é o ponto de fuga

² O autor refere-se a “imagens perceptivas” como sensações, ou seja, imagens percebidas corporalmente. Elas se diferenciam tanto das imagens internas (sonhos, visões) quanto das imagens sintéticas, aquelas geradas exteriormente ao corpo. [N.T.]

das energias miméticas e performativas das imagens.

Imagem e imaginação

Assim como a linguagem, a imaginação é uma *conditio humana*, uma condição dos homens, cujos fundamentos constituem o corpo humano (Belting, 2001; Hüppauf/Wulf, 2006; Wulf, 2010). A performatividade, ou seja, o caráter de encenação da ação humana, é uma consequência da franqueza inicial e um papel realizado pela imaginação no esboço dessa franqueza. Com sua ajuda, entrelaçam-se mutuamente passado, presente e futuro. A imaginação concebe os mundos humano, social, cultural, simbólico e imaginário. Ela concebe imagens humanas. Possibilita história e cultura e, com isso, diversidade histórica e cultural. Ela cria o mundo das imagens e do imaginário e participa da concepção das práticas do corpo. Para sua encenação e apresentação, não basta a consciência dessas práticas; é preciso ainda que sejam incorporadas e se tornem parte de uma sabedoria implicitamente prática e baseada no corpo, cujo dinamismo possibilite mudanças e criações de ordem social e cultural. Nesse contexto, são muito significativos os processos miméticos baseados na imaginação. Neles, acontece o aprendizado cultural que, por sua vez, cria identidade identidade sócio-cultural, propiciando uma condição fundamental para o bem-estar e a felicidade.

Em todas as formas da ação social e cultural, assim como de seus adensamentos em imagens de homens e de mundo, o papel da imaginação é central. Com o auxílio de imagens, esquemas e modelos, ela dirige o comportamento e as ações humanas. Imagens são momentos determinantes da ação, cujo significado aumenta continuamente. Isso nos leva a questionar sua importância e perguntar quais os diferentes tipos de imagem. Por exemplo, se as imagens mentais diferenciam-se das imagens manuais e técnicas, assim como das estáticas e cinéticas.

Não é somente na arte europeia que a imaginação tem importância central. Ela também ocupa na gênese do *Homo sapiens sapiens* e de suas culturas um lugar importante. Há achados de produção estética em ossos lascados datados de centenas de milhares de anos (Wulf, 2014). O acesso do homem ao mundo e do mundo ao “interior” do homem se completa

com o auxílio da imaginação através do *medium* das imagens.

Há uma diferença entre imagens mágicas, representativas e simuladoras. As imagens mágicas não remetem a nada; elas *são* o que representam. A estátua do “bezerro dourado” é o sagrado; numa relíquia, a parte do corpo do santo é o santo. Nas imagens representativas isso acontece de outro modo, pois são frequentemente baseadas em processos miméticos. Elas remetem a algo que representam, mas não o são. Entre elas estão, por exemplo, as fotografias, que mostram situações passadas e não o presente.

Imagens de simulação são aquelas que possibilitam novos processos das mídias eletrônicas e desempenham um papel crescente na vida das pessoas. A diferença entre as imagens da percepção e as da mente é grande. Cada representação é expressão de um fato no qual falta o objeto. Nas imagens da memória e das projeções de futuro isso é evidente. Ambos os casos são influenciados pelas imagens da percepção.

Imagens patológicas, visões e sonhos também se diferenciam das imagens da percepção e da memória. Em todos os casos, há participação da imaginação. Com a ajuda da imaginação, criam-se mundos mentais e internos nos quais as emoções se cristalizam. A dinâmica da imaginação vincula as pessoas e cria comunidade. Seu caráter lúdico concebe vínculos entre imagens e faz emergirem novas imagens.

Imaginação e imaginário

Com o auxílio da imaginação, indivíduos, sociedades e culturas concebem o imaginário. Este último pode ser compreendido como um mundo materializado de imagens, sons, toques, odores e sabores. A imaginação cria as condições para que as pessoas percebam o mundo de modo histórico e cultural. Ela lembra, cria, combina e projeta imagens. Ela cria realidade. Ao mesmo tempo, a realidade lhe serve para produzir imagens. As imagens da imaginação têm uma dinâmica estruturante da percepção, da memória e do futuro. O enredamento das imagens segue os movimentos dialéticos e rítmicos da força da imaginação [*Einbildungskraft*]. Não só a vida cotidiana, mas também a literatura, a arte e as artes representativas possuem uma reserva inesgotável de imagens. Algumas parecem ser mais estáveis e menos apta à mudança. Outras, por sua vez, subjazem na mudança histórica e cul-

tural. A imaginação tem uma dinâmica simbolizadora que, continuamente, cria novos significados, usando para isso imagens. Com a de tais imagens criadas pela imaginação, surgem as interpretações do mundo (Hüppauf/Wulf, 2006).

Diferentemente do sentido usual do conceito imaginário, Jacques Lacan salienta principalmente o caráter de turvação ou ocultação [*Verblendungscharakter*] do imaginário. Desejos, vontades e paixões desempenham um papel tão central, a ponto de que as pessoas não possam mais se libertar do imaginário. Eles não tem nenhuma relação direta com o Real. Enquanto seres falantes, os seres humanos só conseguem desenvolver uma relação com real (através da ordem simbólica e da imaginação) que seja diversa e fragmentada. Com o auxílio da ordem simbólica e da imaginação, eles podem tentar se impor contra a coerção do imaginário. “O imaginário socialmente eficaz representa um espaço de mundo interno cuja forte tendência é se fechar e formar, de certa maneira, uma imanência infinita; por sua vez, a fantasia humana (imaginação, força imaginativa) é a única faculdade capaz de detonar espaços fechados e ultrapassá-los a tempo, pois é idêntica à experiência de descontinuidade do tempo” (Kamper, 1986, pág. 32). Esse caráter coercivo do imaginário forma as fronteiras das possibilidades da vida humana e de seu desenvolvimento. A elucidação de tal caráter é importante para sabermos que ele é apenas uma parte do espectro de significação do imaginário, cujo conceito aqui defendido marca a pluralidade e a ambivalência do saber cultural das imagens.

A imaginação tem uma intensa força performativa que encena e expõe ações sociais e culturais. Ela concebe o imaginário que, por sua vez, abarca as imagens da memória, do presente e do futuro. Com o auxílio de movimentos miméticos, é possível apreender o caráter icônico das imagens. No momento posterior à concepção de seu caráter imagético, as imagens são registradas no imaginário. Enquanto parte do mundo mental, elas são testemunhas do mundo exterior. Quais imagens, estruturas e modelos tornar-se-ão parte do imaginário, é algo que depende de muitos fatores. Em tais imagens, as presenças e ausências do mundo exterior estão intrinsecamente enredadas. As imagens emergentes do imaginário serão transmitidas pela imaginação a novos contextos. Elas geram redes de imagens com as quais somos capazes

de compreender e determinar nossa visão de mundo.

O caráter performativo da imaginação faz com que as imagens do social tornem-se parte central do imaginário (Wulf e Zirfas, 2007). Nelas, são representadas estruturas sociais e de poder das relações em sociedade. Muitos desses processos têm início na infância e se completam em grande parte inconscientemente. É nesse período que se aprendem as constelações e os arranjos sociais. Na apreensão visual do mundo, tais experiências da visão e das imagens que delas resultam têm um papel insubstituível. O surgimento de uma visão compreensiva das ações sociais deve-se à participação dos esquemas histórico-culturais e imagens mentais registrados em cada percepção. Vemos ações sociais e, ao percebê-las, iniciamos uma relação com elas. Com isso, tais ações adquirem significado para nós. Quando as pessoas se dirigem a nós, liberam um impulso de conexão, de relacionamento; então, esperam uma resposta de nossa parte. De todo modo, surge uma relação, na qual as imagens do nosso imaginário são um importante requisito de engendramento. Entramos numa atuação e nos comportamos com base nas expectativas desse arranjo social – tanto quando estamos em acordo com o jogo, quanto se o modificamos ou o contrariamos. Nossa atuação deve-se menos a semelhanças do que a correspondências criadas mimeticamente. Uma vez envolvidos numa atuação, passamos a perceber as ações alheias e nos relacionamos mimeticamente.

Conclusão

Imagens humanas são inexoráveis. Elas surgem porque precisamos desenvolver autoconhecimento, afinidades e sentimentos de pertença com outras pessoas. Elas resultam de processos antropológicos complexos, nos quais estruturas de poder sociais e culturais desempenham um papel importante. Devido a seu caráter icônico, elas reduzem a complexidade do homem e de seu estar-no-mundo em aspectos específicos, não produzindo uma visão geral do homem. Continuam sendo aproximações de um *homo absconditus*, um homem incapaz de se compreender por completo. Já nos “Dez mandamentos” há a menção de que o homem não deve produzir imagens de Deus e – por consequência – nenhuma imagem do próprio homem. Imagens e força da imagina-

ção são tão importantes em nossa relação com mundo, que requerem igualmente uma crítica da imagem, para que possam se retirar do poder significativo das imagens e, principalmente, das imagens humanas. No trabalho pedagógico, é imprescindível uma relação crítica com as imagens que fazemos das crianças e dos jovens. O mesmo vale para uma visão crítica das representações e imagens criadas nos discursos das ciências da educação. Ao reconhecermos a importância das imagens e da imaginação na educação, na formação e na socialização, faz-se também necessária uma desconstrução das imagens [Entbildlichung³] que temos em relação às crianças e aos jovens, ao mundo e a nós mesmos.

Referências

Belting, Hans (2001). Bild-Anthropologie. Entwürfe für eine Bildwissenschaft. [Antropologia das imagens: esboços para uma ciência das imagens]. München: Wilhelm Fink.

Deutsche UNESCO-Kommission (2014): Memorandum zum Post-2015-Prozess.

Gebauer, Gunter/Wulf, Christoph (1998a): Mimesis. Kunst, Kultur, Gesellschaft. [Mimesis, arte, cultura, sociedade]. Reinbek: Rowohlt (2. Aufl., 1. Aufl. 1992; amerikanische Ausgabe Berkeley: California University Press).

Gebauer, Gunter/Wulf, Christoph (1998b): Spiel, Ritual, Geste. Mimetisches Handeln in der sozialen Welt. [Jogo, ritual, gestos: ações miméticas no mundo social]. Reinbek: Rowohlt.

Hüppauf, Bernd/Wulf, Christoph (Hg.) (2006): Bild und Einbildungskraft. [Imagem e força da imaginação]. München: Wilhelm Fink (amerikanische Ausgabe, Routledge New York 2009).

3 A palavra *Ent-bild-lichung* tem como radical a imagem (*Bild*), precedida por uma negação que indica movimento de retirada (*ent*). *Entbildlichung* seria, portanto, um movimento de desmanche das imagens a partir das próprias imagens. A tradução “desconstrução das imagens” nos foi sugerida pelo autor (C. Wulf) e, apesar de não contemplar o clima do original, resta como a melhor formulação encontrada. [N.T.]

Kamper, Dietmar (1986): Zur Soziologie der Imagination. [Sociologia da imaginação]. München: Hanser.

Wulf, Christoph (2009): Anthropologie. Geschichte – Kultur – Philosophie. [Antropologia. História – cultura – filosofia]. Köln: Anaconda (2., erweiterte Aufl., Erstauflage Reinbek 2004: Rowohlt).

Wulf, Christoph (Hg.) (2010): Der Mensch und seine Kultur. Hundert Beiträge zur Geschichte, Gegenwart und Zukunft des menschlichen Lebens. [O homem e sua cultura: cem artigos sobre história, presente e futuro da vida humana]. Köln: Anaconda (zuerst erschienen 1997 unter dem Titel „Vom Menschen. Handbuch Historische Anthropologie“ im Beltz-Verlag).

Outras publicações do autor:

Wulf, Christoph (2013a): Anthropology. A Continental Perspective. [Antropologia: uma perspectiva continental]. Chicago: The University of Chicago Press.

Wulf, Christoph (2013b): Das Rätsel des Humanen. Eine Einführung in die historische Anthropologie. [O enigma do humano: uma introdução à antropologia histórica]. München: Wilhelm Fink.

Wulf, Christoph (2014): Bilder des Menschen. Imaginäre und performative Grundlagen der Kultur. [Imagens do ser humano: fundamentos imaginários e performativos da cultura]. Bielefeld: Transcript.

Wulf, Christoph/Zirfas, Jörg (Hg.) (2007): Pädagogik des Performativen. Theorien, Methoden, Perspektiven. [Pedagogia do performativo. Teorias, métodos, perspectivas]. Weinheim, Basel: Beltz.

Wulf, Christoph/Zirfas, Jörg (Hg.) (2014): Handbuch Pädagogische Anthropologie. [Manual de antropologia pedagógica]. Wiesbaden: